

Eraldo Medeiros Costa Neto

Elis Rejane Santana da Silva

(Organizadores)

Ecologia Espiritual:

Integrando Natureza,
Humanidades e Espiritualidades

Atena
Editora
Ano 2022





Eraldo Medeiros Costa Neto

Elis Rejane Santana da Silva

(Organizadores)

Ecologia Espiritual:

Integrando Natureza,
Humanidades e Espiritualidades

Atena
Editora

Ano 2022

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagem da capa

Ian de Melo Freitas

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano

Profª Drª Amanda Vasconcelos Guimarães – Universidade Federal de Lavras

Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Universidade do Estado de Mato Grosso

Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará

Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria



Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof^o Dr^a Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Edevaldo de Castro Monteiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Prof^o Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof^o Dr^a Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Prof^o Dr^a Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Renato Jaqueto Goes – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof^o Dr^a Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas



Ecologia espiritual: integrando natureza, humanidades e espiritualidades

Diagramação: Gabriel Motomu Teshima
Correção: Yaidy Paola Martinez
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizadores: Eraldo Medeiros Costa Neto
Elis Rejane Santana da Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E19 Ecologia espiritual: integrando natureza, humanidades e espiritualidades / Organizadores Eraldo Medeiros Costa Neto, Elis Rejane Santana da Silva. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-935-3

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.353221802>

1. Espiritualidade. 2. Ecologia espiritual. 3. Natureza. I. Costa Neto, Eraldo Medeiros (Organizador). II. Silva, Elis Rejane Santana da (Organizadora). III. Título.

CDD 248.4

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2022

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



Dedicado a todos e todas que almejam construir uma Nova Terra, reconhecidamente majestosa, irmanados na convivência harmoniosa com os seres que vivem em suas diferentes dimensões.

PREFÁCIO

O presente livro é uma ação e organização de membros do grupo de pesquisa “Ecologia Espiritual: integrando Natureza, Humanidades e Espiritualidades”, da Universidade Estadual de Feira de Santana, cadastrado no Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil (DGP), ligado ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). O livro tem por organizadores os professores Dr. Eraldo Medeiros Costa Neto (UEFS) e Dra. Elis Rejane Santana da Silva (UNEB, *Campus 3*), com a colaboração de diversos pesquisadores, de diferentes instituições de ensino superior, os quais vêm demonstrando interesse e ações no campo interdisciplinar da ciência, com foco na busca e compreensão da relação do universo espiritual com o universo natural, dentro da temática da Ecologia Espiritual. Aproveitamos esse momento para parabenizar tanto os organizadores quanto os demais autores dessa obra literária tão importante no atual momento que vivemos na ciência e academia, parabenizar pela determinação e ousadia em quebrar os paradigmas cartesianos e fechados da ciência tradicional, e por evidenciar que a ciência é um campo aberto e que nela podemos ter diferentes diálogos, diferentes olhares, diferentes percepções e diferentes atores sociais envolvidos.

O livro está organizado em quatro partes: 1) Ecologia, Espiritualidades e Conservação da Natureza; 2) Ecologia Espiritual na vertente de uma Ciência Ecocentrada; 3) Conexões com os Seres Elementais; e 4) Ecologia Espiritual e Saúde Integral. Os capítulos distribuídos nessas quatro partes apresentam diferentes olhares no contexto da Ecologia Espiritual, com reflexões sobre possíveis caminhos a serem trilhados pelo grupo de pesquisa, formado junto ao CNPq em março de 2021. Os autores destacam, entre outras coisas: a tentativa de extermínio da percepção da Terra como a Grande Mãe, como vetor, embora não isolado, da separação ser humano-Natureza; correntes de pensamento integrativo onde o ser humano não está apartado da Natureza, mas dela é elemento; e desafios e possíveis caminhos para que a Ecologia Espiritual auxilie na reunificação ou reconexão do ser humano com a Natureza.

Sobre a Ecologia Espiritual, podemos encontrar afirmações e explicações interessantes, como as que seguem, extraídas do livro “Ecologia Espiritual: o choro da Terra” (The Golden Sufi Center, 2013), editado por Llewellyn Vaughan-Lee, no qual temos textos de escritores, filósofos e mestres espirituais:

“Se é para nós restaurarmos o equilíbrio em nosso planeta, nós precisamos ir além da superfície para curar a separação entre espírito e matéria e assim contribuir em trazer o sagrado de volta à vida.”

“A Ecologia Espiritual é uma resposta espiritual à presente crise ecológica. Este campo em desenvolvimento une ecologia com a consciência do sagrado existente na criação, firmando uma nova forma de se relacionar no mundo”.

"A Ecologia Espiritual propõe que as realidades físicas da crise ecológica que vivenciamos – desde os fenômenos de alteração climática ao consumismo exacerbado e poluição das águas, ar e solo, refletem uma realidade mais profunda, a da crise espiritual".

Diante da importância dessa área da ciência e de toda a contribuição que a Ecologia Espiritual pode trazer para auxiliar no entendimento e busca por soluções das crises ambientais que o mundo vem passando, inclusive com impactos na vida emocional, pessoal, social, familiar e espiritual de cada pessoa, que referendamos o presente livro, o qual chega em hora muito oportuna para fazer eco e propagar essa realidade, que tem sido negligenciada por muitos. Precisamos nos reconectar com a natureza e salvá-la enquanto temos tempo. Essa reconexão também passa pelo respeito e proteção dos povos indígenas e populações tradicionais, os quais são os guardiões da natureza e vêm passando por diversos e complexos momentos de destruição de suas culturas e formas de viver, assim como suas conexões com a natureza.

Outro ponto a ser destacado no presente livro é seu caráter internacional, pois temos capítulos de pesquisadores de países como Argentina, Canadá, Colômbia, Equador e Estados Unidos, evidenciando que a temática da Ecologia Espiritual está sendo observada, discutida e desenvolvida em várias partes do mundo. Nesse contexto, o Brasil tem como colaborar fortemente nesse universo, em virtude da gigantesca diversidade biológica e cultural que temos em nosso país, em suas diversas regiões, com uma ampla heterogeneidade cultural, étnica, social e econômica, aliadas e relacionadas aos diferentes biomas como a Amazônia, Caatinga, Cerrado, entre outros, e em cada um deles, a presença marcante da espiritualidade com seus mitos e lendas, dos quais, muitos são relacionados com a proteção dos ecossistemas e sua biodiversidade.

Esse livro também contribuirá com a formação acadêmica de alunos, professores e pesquisadores que se interessem pela área da Ecologia Espiritual, fortalecendo assim o contexto da mesma como uma ciência séria, e que vem para somar com resultados robustos e necessários para enfrentar os problemas atuais da sociedade.

Termino deixando meus imensos parabéns aos organizadores e autores do livro "Ecologia Espiritual: integrando Natureza, Humanidades e Espiritualidades", e desejo que o mesmo possa promover uma reconexão espiritual e natural de cada pessoa, cada leitor que tiver contato com o mesmo.

Reinaldo Farias Paiva de Lucena
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Campo Grande, 05 de novembro de 2021

SUMÁRIO

PARTE I - ECOLOGIA, ESPIRITUALIDADES E CONSERVAÇÃO DA NATUREZA

CAPÍTULO 1..... 1

ECOLOGIA ESPIRITUAL: REFLEXÕES PARA A CONSTRUÇÃO DE CAMINHOS INTEGRATIVOS

Eraldo Medeiros Costa Neto

Paula Chamy


Claudia Nunes-Santos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3532218021>

CAPÍTULO 2..... 17

SPIRITUAL ECOLOGY: RECONNECTING WITH NATURE

Leslie E. Sponsel

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3532218022>


CAPÍTULO 3..... 36

COSMOPERCEPÇÕES SOBRE AS SERPENTES

Jamille Ferreira Marques

Geraldo Jorge Barbosa de Moura

Moacir Santos Tinoco

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3532218023>

CAPÍTULO 4..... 46

A BUSCA DO ELO PERDIDO PARA A RECONEXÃO SOCIEDADE E NATUREZA E O PAPEL DOS SÍTIOS NATURAIS SAGRADOS

Érika Fernandes-Pinto


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3532218024>

PARTE II - ECOLOGIA ESPIRITUAL NA VERTENTE DE UMA CIÊNCIA ECOCENTRADA

CAPÍTULO 5..... 63

THE QUANTUM CONSCIOUSNESS PARADIGM FOR THE UNIFICATION OF SCIENCE AND SPIRITUALITY


Raul Franco Valverde

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3532218025>

CAPÍTULO 6..... 84

ECOLOGIA PROFUNDA


Hildo Honório do Couto

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3532218026>

CAPÍTULO 7.....92

ECOLOGIA ESPIRITUAL INTEGRATIVA NO EXERCÍCIO DA CIDADANIA PARA UM MEIO AMBIENTE SUSTENTÁVEL

Ian Felipe Nascimento
Fábio dos Santos Massena
Eraldo Medeiros Costa Neto

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3532218027>

CAPÍTULO 8..... 100

TEMPO, CORPO, MUNDO: PARA UMA FENOMENOLOGIA DO MISTICISMO ECOLÓGICO

João José de Santana Borges


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3532218028>

PARTE III - CONEXÕES COM OS SERES ELEMENTAIS

CAPÍTULO 9..... 123

AS FUNÇÕES ECOSSISTÊMICAS EXERCIDAS PELAS FADAS E OUTROS SERES DO REINO FEÉRICO


Ana Cecília Maria Estellita Lins
Eraldo Medeiros Costa Neto

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3532218029>

CAPÍTULO 10..... 145

LA RECIPROCIDAD CON EL REINO ELEMENTAL: UNA INTERACCIÓN DE AMOR Y ARMONÍA CAPAZ DE DETENER CATACLISMOS, PANDEMIAS Y OTRAS ALTERACIONES PLANETARIAS

Aurora Lope
Mónica Tacca


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.35322180210>

PARTE IV - ECOLOGIA ESPIRITUAL E SAÚDE INTEGRAL

CAPÍTULO 11..... 163

MODO ANTIGO DE REZAR: INTEGRANDO A ESPIRITUALIDADE DO SER


Gemicrê do Nascimento Silva
Gabriela Passos Moreira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.35322180211>

CAPÍTULO 12..... 174

ECOLOGIA, ESPIRITUALIDADE E SAÚDE: CONTRIBUIÇÃO PARA O RESGATE HUMANO


Geraldo Milioli
Caroline Vieira Ruschel
Isaura Awas Remor Milioli

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.35322180212>

CAPÍTULO 13..... 189

PLANTAS SAGRADAS DEL SISTEMA MÉDICO TRADICIONAL EN TIERRADENTRO,
CAUCA, COLOMBIA


Olga Lucia Sanabria Diago
Victor Hugo Quinto Huetocue

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.35322180213>

CAPÍTULO 14..... 214

ETNOFARMACOPEA SAGRADA DEL ECUADOR: INTERACCIONES ESPIRITUALES
ENTRE GENTE Y PLANTAS

Montserrat Rios
Fabián Aguilar-Mora

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.35322180214>

Parte I - Ecologia, Espiritualidades e Conservação da Natureza

ECOLOGIA ESPIRITUAL: REFLEXÕES PARA A CONSTRUÇÃO DE CAMINHOS INTEGRATIVOS

Eraldo Medeiros Costa Neto

Universidade Estadual de Feira de Santana,
Departamento de Ciências Biológicas
Feira de Santana – Bahia
<http://lattes.cnpq.br/2521953264550977>

Paula Chamy

Grupo Conservação e Gestão de Recursos de
Uso Comum (NEPAM/Unicamp)
Campinas – São Paulo
<http://lattes.cnpq.br/3554370491408010>

Claudia Nunes-Santos

Universidade Federal de Sergipe,
Departamento de Biologia
Aracaju – Sergipe
<http://lattes.cnpq.br/2492271962939337>

RESUMO: O presente texto apresenta algumas reflexões sobre possíveis caminhos a serem trilhados pelo grupo de pesquisa em Ecologia Espiritual, formado no CNPq em março de 2021. Para tanto, o texto encontra-se dividido em três partes. Na primeira parte destacamos, por meio da literatura, a tentativa de extermínio da percepção da Terra como a Grande Mãe, como vetor, embora não isolado, da separação ser humano-Natureza. Na segunda parte, o texto aborda algumas correntes de pensamento integrativo onde o ser humano não está destacado da Natureza, mas dela é elemento. Na terceira parte apontamos desafios e possíveis caminhos para que a Ecologia Espiritual auxilie

na reunificação ou reconexão do ser humano com a Natureza.

PALAVRAS-CHAVE: Unicidade. Ecocentrismo. Bioética. Religião e ecologia.

SPIRITUAL ECOLOGY: REFLECTIONS FOR CONSTRUCTION OF INTEGRATIVE PATHS

ABSTRACT: This text presents some reflections on possible paths to be followed by the research group in Spiritual Ecology, formed at CNPq in March 2021. Therefore, the text is divided into three parts. In the first part, we highlight through literature the attempt to exterminate the perception of the Earth as the Great Mother, as a vector, although not isolated, of the separation between human being and Nature. In the second part, the text addresses some currents of integrative thought where the human being is not detached from Nature, but is an element of it. In the third part we point out challenges and possible ways for Spiritual Ecology to help in the reunification or reconnection of human beings with Nature.

KEYWORDS: Uniqueness. Ecocentrism. Bioethics. Religion and ecology.

INTRODUÇÃO

Mas será que a ciência está dialogando com os espíritos da floresta? Será que a ciência está entendendo de que não adianta só escrever? Que tem que sentir, que

tem que perceber, que tem que interagir com todas as formas outras não humanas? (TAKUÁ, 2020, p. 5).

Nas últimas décadas, o Brasil registrou um crescimento nos estudos voltados à compreensão e ao reconhecimento dos saberes etnoecológicos de diferentes povos indígenas e comunidades tradicionais. Estes saberes permitem que essas comunidades mantenham seus modos de vida aliados às práticas e técnicas ético-ecológicas de interação com o mundo natural, tanto por meio das relações que estabelecem com os bens materiais quanto com os bem imateriais. Essas conexões têm despertado o interesse de pesquisadores sobre as diferentes cosmopercepções que envolvem a dimensão espiritual contida nestes saberes e as interações delas resultantes (FERNANDES-PINTO; IRVING, 2017; DIEGUES, 2019; Costa Neto, 2020a) não somente para entender a pluralidade de relações existentes entre seres humanos e entes mais-que-humanos, mas para o aprimoramento da própria cidadania planetária.

Devido às experiências transcendentais vivenciadas por alguns desses pesquisadores no cerne das comunidades estudadas, concomitantemente à preocupação com as condições socioambientais do planeta, urge repensar e ressignificar o modo mercantilista, mecanicista e materialista de se fazer uma ciência dissociada de sentido espiritual. Como Fernandes Silva (2020, p. 31) alerta, muito da sistemática destruição do ambiente caracterizada no século XX, e que segue avançando na atualidade, bem como a caótica urbano-industrialização, têm sua origem no senso de usurpação da Natureza e na alienação pela posse da matéria.

Hoje, contudo, com o avanço principalmente da física quântica, não cabe mais a separação entre as realidades físicas da matéria e energético-espirituais (MORLEY, 2019). Maturana e Varela (1995) imputam a incompreensão dos seres humanos entre si como uma ameaça não somente à destruição da vida humana no planeta, mas principalmente à vida interior que suporta o viver social, ou o que chamamos neste texto de bem viver. Por outro lado, um número significativo de pessoas está construindo suas próprias relações espirituais com a Terra, com outros povos e culturas e com outros seres com os quais se partilha o ambiente (COSTA NETO, 2020a, 2020b). Com razão, no processo de formação do ser ecológico, socialmente ecorresponsável, é necessário fazer da ecologia uma parte integrante da vida, repensando a própria episteme da ecologia (FERNANDES SILVA, 2020). Por essa razão, as práticas ecoespiritualistas, aqui concebidas como herança religiosa, e a sustentabilidade ambiental devem ser vistas como a expressão dos componentes intangíveis e materiais de certos grupos humanos. Essa categoria de herança também representa uma interação mais ampla em que sistemas de símbolos e crenças relacionam-se – e muitas vezes se fundem – com a paisagem (FREDERICO; FUNARI, 2019).

A dificuldade em detectar as conexões espirituais, muitas vezes por preconceito e mesmo temor em encontrar situações que desestremem as crenças consolidadas dos

cientistas, faz com que percamos oportunidades de encontrar elos entre espiritualidade e ciência. Na contramão desse percurso, um grupo de cientistas, em especial após o advento da crise sanitária mundial provocada pela Covid-19, tem refletido sobre as conexões espirituais relegadas muitas vezes a um segundo plano pela ciência. Com o intuito de avançar nas reflexões sobre a importância dos elementos espirituais em estudos ecológicos (no sentido amplo), foi formado no CNPq, em março de 2021, o grupo de pesquisa intitulado Ecologia Espiritual: integrando Natureza, humanidades e espiritualidades. Atualmente, o grupo é composto por seis doutores (UEFS, UESC, UFS, UFMS, UFPA, UNICAMP), quatro mestres (UEFS, UNIT, UNEB) e um técnico, além de dois estudantes de graduação ligados à UESC e um de pós-graduação (Ecologia e Evolução/UEFS).

Ecologia Espiritual pode ser definida como uma arena vasta, complexa, diversa e dinâmica nas interfaces das religiões e espiritualidades com os ambientes, ecologias e ambientalismo, incluindo componentes intelectuais, espirituais e práticos. Segundo Sponsel (2016), outras designações para esta arena podem ser usadas, embora uma busca mais restrita esteja geralmente envolvida, a saber: religião do verde escuro, espiritualidade da terra, misticismo da terra, ecomisticismo, ecopsicologia, ecoespiritualidade, misticismo da natureza, religião da natureza, espiritualidade da natureza, religião e ecologia, religião e natureza, ecologia religiosa, ambientalismo religioso e naturalismo religioso. Ao citar Moyes (2012), Sponsel (2016, p. 2) afirma que as raízes da Ecologia Espiritual são bem antigas, remontando sua presença a pelo menos 30.000 anos atrás, por meio das pinturas rupestres do Paleolítico Superior na França. A interpretação mais recente dessa arte pré-histórica é que ela reflete a possessão de espíritos xamânicos. Trata-se de uma expressão do Animismo como uma crença em múltiplos seres e forças da natureza que é, de longe, a mais antiga e mais difundida de todas as religiões.

A espiritualidade ecológica equivale, portanto, a um caminho para a obtenção de uma consciência ecológica (RECH, 2011), união da pluralidade de saberes intelectuais e emocionais (o “saber do coração”) que horizontaliza todos os seres em uma comunidade de vida. No entanto, Rech (*op. cit.*) alerta que a jornada para a consciência ecológica é bastante longa e árdua, porque deriva de uma experiência gradativa de contemplação, que no sentido teológico equivale a concentrar-se no Divino. Assim, a preocupação com o planeta e o reconhecimento de si como um ser capaz de criar uma vida conectada com a natureza é um caminho para a integração pessoal (*religare*) com a Totalidade (CARVALHO; STEIL, 2008), com o Pluriverso, ou seja, a diversidade de visões de mundo que respeitam os ritmos e limites da natureza, bem como todas as formas de vida para alcançar o bem-estar planetário (KOTHARI *et al.*, 2019).

Cientes desse desafio e pautados em heterodoxias responsáveis, apresentamos no presente texto algumas reflexões sobre possíveis caminhos a serem trilhados pelo grupo de pesquisa em Ecologia Espiritual. Para tanto, o texto encontra-se dividido em três partes. Na

primeira parte destacamos, por meio da literatura, a tentativa de extermínio da percepção da Terra como a Grande Mãe, como vetor, embora não isolado, da separação ser humano-Natureza. Na segunda parte, o texto aborda algumas correntes de pensamento integrativo onde o ser humano não está destacado da Natureza, mas dela é elemento. Na terceira parte apontamos desafios e possíveis caminhos para que a Ecologia Espiritual auxilie na reunificação ou reconexão do ser humano com a Natureza.

A DESASSOCIAÇÃO DO SER HUMANO DA NATUREZA

Comunidades humanas são influenciadas e influenciam os ambientes com que se relacionam por meio do desenvolvimento da cultura. Sob uma perspectiva ontológica, a geobiologia e, por extensão, a geopsicologia, marcam as múltiplas relações inter e transpessoais que os indivíduos mantêm com os diversos elementos que constituem o ambiente em que vivem. Assim, podemos afirmar que todo agrupamento humano interage com o que os povos originários denominam de Mãe Terra ou Pachamama, seja por uma questão de vinculação aos bens materiais, seja por conexões arquetípicas e simbólicas estabelecidas com o ambiente onde está inserido (METZNER, 2002).

Na antiguidade, comunidades humanas entendiam a Terra como uma Grande Mãe, generosa e provedora, a ser venerada e respeitada (SAHTOURIS, 1991). Estudos provenientes da Antropologia e da Arqueologia revelam que o entendimento da Terra como entidade sagrada foi universalmente compartilhado por diversas culturas humanas ao longo da nossa história. A visão de sacralidade da vida baseava-se na compreensão de que o mundo físico era animado por uma força espiritual – uma energia ou inteligência – impregnada em todas as formas de vida e elementos naturais, como mananciais, rios, mares, montanhas, rochas entre outros (HOSKEN, 2009; VAUGHAN-LEE, 2013; KALA, 2017).

O culto à Grande Mãe, muito anterior à palavra escrita, foi simbolizado em arcaicas esculturas de argila, as “Vênus esteatopíguas”, mulheres com seios e nádegas avantajadas. Na Grécia arcaica, venerava-se a imagem da Grande Mãe Animal, que alimentava o pequeno Zeus em forma de cobra, porca ou vaca. Na Suméria, a Grande Deusa é Inana; no Egito é Neith, a mais velha e mais sábia das deusas, andrógina primogênita, virgem que fertilizava a si própria; Istar na Babilônia; Ísis no Egito; e Astarté entre os hebreus. Para os romanos, ela é Reia-Cibebe (LEVY; MACHADO, 1999).

Com o advento do Cristianismo, o culto à Grande Deusa foi relegado à clandestinidade, só retornando com os templários, que trouxeram para as suas pátrias representações de pequenas deusas negras pagãs que eles vestiam com o manto de Maria e nome cristão: são as Virgens Negras ou Madonas Negras. Como sempre, a Deusa reaparece acompanhada de seus animais sagrados, pretos e dourados (LEVY; MACHADO, 1999).

Na mitologia Tupi-Nhengatu, nada na Natureza deixa de ter Mãe ou Cy. Essa corporificação da maternidade onipresente (CERIDWEN, 2003) também foi destacada por Cascudo (2001) em relação aos indígenas brasileiros. Cy seria uma entidade feminina geradora de todo o Universo independentemente de um ente masculino. É ela a criadora do sono, da chuva, do sorriso, da fonte e da canoa.

Para os Yanomami, Urîhi designa a floresta e seu chão, significando também o território: *ipaurihi*, a terra Yanomami. Urîhi, a Mãe terra-floresta, é viva, tendo uma imagem essencial (*urihinari*), um sopro (*wixia*) e um princípio imaterial de fertilidade (*nêrope*). Os animais abrigados por Urîhi são vistos como avatares dos antepassados míticos homens/animais de uma primeira humanidade, que acabaram assumindo a condição animal em razão de seu comportamento descontrolado, o que levou à inversão das regras sociais atuais. As profundezas emaranhadas de Urîhi, em suas colinas e em seus rios, são esconderijos de inúmeros seres mágicos, alguns amistosos, outros a serem temidos (CERIDWEN, 2003).

Nas cosmovisões hindu a pluralidade divina se manifesta em diversas formas e gêneros. Em algumas escrituras védicas, diz-se que o ser supremo é indescritível em forma e gênero. Em outras, o supremo é concebido como “homem perfeito” ou como “mãe primordial”. Aparece venerado também como “meio homem e meio mulher” ou como “uma família de divindades”. Esta cosmopercepção de que o divino está além de nome, gênero e número resultou em sua representação em diversas figuras e formas (como homem, animal, árvores e, ainda, como combinações destes seres) (NARAYANAN, 2009).

Grupos étnicos atualmente nomeados Povo Romá (ciganos), oriundos da grande civilização Hindu, dispersaram-se pelo planeta em diversas diásporas e, para facilitar o processo de aceitação, adaptaram seus mitos e cultos às culturas dos diversos lugares. Na contemporaneidade ocidental cristã, o culto à “mãe natureza” tem sido representado pelas “virgens negras” Santa Sara Kali (França) e/ou Nossa Senhora Aparecida (Brasil). Os Romani brasileiros da etnia Calon utilizam a palavra *Duvêl* para se referir a Deus. Palavra que, segundo Heredia (1974), deriva da palavra sânscrita *Deva*. E, de acordo com Sarramone (2007), em Hindi (língua derivada do sânscrito) é uma palavra feminina e válida para qualquer “divindade”, significando uma ampla concepção da deusa.

Berkes (1999) destaca que, em quase todos os sistemas de conhecimento ecológico tradicional, existe uma ética de não dominância na relação do ser humano com a natureza, uma **Ecologia Sagrada** que pode ser identificada principalmente no Panteísmo. Em contextos urbanos, também são várias as manifestações que demonstram a importância das relações espirituais com divindades femininas, sejam estas manifestações religiosas panteístas ou monoteístas, e merecem atenção nos estudos em Ecologia Espiritual. As comemorações para Nossa Senhora Aparecida, padroeira da religião católica no Brasil; para Iemanjá, orixá mãe de todos os orixás; para Santa Sara Kali em uma gruta localizada no parque Garota de Ipanema no Rio de Janeiro (praia do Arpoador) e que integra, desde

mundo natural, guiada pelo materialismo, pelo crescimento do consumo dos bens naturais mesmo que à custa de vidas, sejam elas humanas ou não humanas (UNGER, 1991; BOFF, 2005; CAPRA, 2006; ALVES, 2008; PECK, 2010).

Essa crise sistêmica não se limita a dimensões econômicas, sociais ou ecológicas. Ela abarca um esfacelamento de pensamentos e valores que necessitam de transformações profundas para serem ultrapassados. A crise sanitária global de 2020, que se arrasta em 2021, descortina as inúmeras facetas da crise sistêmica: racismo, xenofobia, sexismo, polarizações e inúmeras fobias disseminadoras de violência e radicalismos que rechaçam a pluralidade da vida, as identidades coletivas.

No Brasil, os profundos abismos sociais tornaram-se ainda mais visíveis com a pandemia de COVID-19. Enquanto países europeus exibiam inúmeras mortes e alertavam para a gravidade da doença, o governo brasileiro desdenhava da situação. A pandemia no país, que já contava com problemas derivados dos monopólios das indústrias farmacêuticas, foi agravada pela propagação governamental de notícias inverídicas, pela negação dos estudos científicos robustos, pela incompetência para aquisição de vacinas, pelo investimento irrisório no sistema de saúde, pela corrupção sistêmica, pelo aproveitamento da pandemia por setores que lucram com a dizimação da Natureza, entre tantas outras tristes realidades que demonstram o quão longe alguns seres humanos estão de exercer a compaixão e a solidariedade para com sua própria espécie.

Globalmente – e localmente, no caso brasileiro –, a pandemia tem reafirmado o fracasso humano diante da imprevisibilidade das respostas proferidas pela Natureza quando violentada, um fato que a humanidade conhece desde que as diversas espécies de *Homo* coexistiam na Terra. Os mitos existentes na história confirmam a derrota da prepotência humana frente à grandiosidade da Natureza. Exemplo disso é a narrativa do Dilúvio (LEEMING, 2004) presente em muitas partes do mundo, como na mitologia babilônica, hindu, hebraica, entre outras, que pune as imperfeições humanas, mas como uma Mãe generosa, perdoa e concede a possibilidade de um novo começo, uma segunda chance, uma redenção para seus filhos.

Quais seriam as possibilidades desse novo começo pós-pandêmico para os seres humanos em um século de tantos avanços tecnológicos, mas de inúmeros retrocessos éticos? A Ecologia Espiritual, ao interligar os sentimentos e pensamentos, espiritualidades e ciências, ambientes materiais e imateriais, razão e emoção, pode ser um caminho para a (re)integração do ser humano à teia da vida? Haverá tempo para essa interconectividade, para esse *(re)ligare*?

CAMINHOS PARA INTEGRAÇÃO CIÊNCIA-ESPÍRITO

Sabemos pela epigenética que o meio ambiente, a nutrição, as emoções, o estresse,

o clima, entre outros fatores, interferem na atividade genética. Ou seja, as informações genéticas isoladamente não podem ser consideradas responsáveis pelo destino de um indivíduo, já que existe transmissão de informações hereditárias também por mecanismos epigenéticos (LIPTON, 2007).

A física quântica, por sua vez, revelou que toda matéria emana uma energia única, o que significa que energia e matéria são elementos interdependentes. Segundo Lipton (2007), todos os organismos se comunicam entre si e com o ambiente por meio de campos de energia. É o que ocorre quando pajés se comunicam com a energia das plantas medicinais.

Cientes de que muitas vezes as questões espirituais são relegadas equivocadamente à esfera religiosa e os estudos metafísicos são rechaçados pela ciência, os autores estão buscando alternativas para reconectar ciência e espiritualidade em seus estudos. Vejamos algumas trajetórias possíveis.

GAIA/GEA E O FEMININO SAGRADO

Na concepção de James Lovelock, em especial após a parceria com a bióloga Lynn Margulis a partir do início da década de 1970, a Terra é um sistema complexo que se autorregula e age como qualquer organismo vivo (LOVELOCK; MARGULIS, 1984). Ressalte-se que o nome *Gaia*, nesse caso, embora seja uma homenagem à deusa grega da Terra, não significa que o planeta é um ser feminino – a reencarnação da Grande Deusa ou Mãe Natureza – ou que os autores citados tivessem pretendido iniciar uma nova instituição religiosa com dogmas e ritos.

O termo *Gaia*, na filosofia de Lovelock, pretende designar o conceito de uma Terra viva, indicando que fazemos parte de um todo maior, um sistema vivo, que contrasta com a ideia de uma terra com vida, ou que suporta vida (SAHTOURIS, 1991). Todas as espécies existentes no planeta constituem, portanto, um único organismo que é vivo e interativo (LIPTON, 2007).

O entendimento da Terra como organismo vivo corresponde à cosmovisão de muitos povos originários (KALA, 2017), que entendem que as influências externas provocam respostas proporcionais de *Gaia*. Ou seja, ao afetar o equilíbrio desse organismo vivo com desmatamentos, poluição, entre outras violências, ameaçamos a sobrevivência de *Gaia* (LIPTON, 2007).

Os avisos no Brasil, nos últimos anos, foram muitos: as tragédias de Mariana e Brumadinho, o incêndio no Pantanal, o petróleo cru que atingiu no mínimo oito estados nacionais, sem contar todo o envenenamento do solo e da água a que todos estamos submetidos devido à ingestão de pesticidas e compostos químicos utilizados na

agropecuária. As calamidades e pandemias seriam, portanto, a resposta de *Gaia* aos que não escutaram seu clamor e impactaram, muitas vezes, de modo permanente, as outras formas de vida que habitam o planeta?

A Ecologia Espiritual também entende que todas as feridas causadas à Natureza serão revertidas, em maior ou menor medida, para a humanidade. Essa diferença semântica resulta em abordagens filosóficas e decisões políticas distintas em relação ao tratamento que dispensamos à Terra.

Gaia ou a forma romana *Gea*, conforme Sahtouris (1991), foi o nome primitivo do nosso planeta. De acordo com a prática usual de chamar os planetas pelos nomes de divindades gregas em suas versões romanas, a Terra realmente deveria ser denominada de *Gea*. No entanto, a palavra inglesa “earth” (terra) originou-se do antigo radical grego *ergaze*, que corresponde a “trabalhando o solo”, ou terra (earth) – *Ergaze* evoluiu para o nome da deusa nórdica, Erda, e daí para o alemão Erde e a inglesa Earth. Portanto, mesmo a palavra “earth” remete a uma divindade feminina.

Já a palavra Natureza é emblemática, porque em latim tem origem na palavra *natura* que significa nascimento. No entanto, há registros de que o imperador romano Constantino pediu que seus sacerdotes atribuíssem um rótulo àquilo que era considerado bruto e selvagem – o incognoscível, incontrolável, perigoso e suspeito. A palavra escolhida foi *natura* (destaque para a terminação feminina). Como “inimiga de Deus” (esta era uma interpretação comum da palavra na Igreja primitiva), a natureza também era chamada de “mente carnal”. Aqueles que queriam viver em harmonia com o mundo natural eram considerados primitivos, ignorantes, perversos, ou tudo isso ao mesmo tempo. Dada a influência da Igreja sobre a cultura europeia, a desconfiança e o medo do mundo natural se tornaram tendências persistentes no desenvolvimento do pensamento ocidental (KRAUSE, 2013).

Assim, a mulher passou a ser identificada com a Natureza e a exploração de ambas foi aceita e reconhecida pelas sociedades patriarcais (SHIVA, 1995). Em eras pré-patriarcais, a Natureza concebida tanto como uma mãe benévola como uma fêmea selvagem e incontrolável que protege sua prole, foi corporificada em múltiplas manifestações da Deusa (a iconografia das divindades femininas em todo o mundo). Sob o patriarcado, a concepção da mulher selvagem e da natureza perigosa deu origem à ideia de que ambas tinham que ser dominadas e submeter-se ao domínio masculino.

A antiga associação entre mulher e natureza é a fonte da conexão entre feminismo e ecologia que se manifesta em grau crescente (CAPRA, 2006), mas combatido por parte da sociedade que entende o feminino como subalterno. A violência e a dominação sofridas tanto pelas mulheres como pela Natureza poderão ser revertidas se a sociedade recuperar o *princípio feminino* da compaixão, do respeito por todas as formas de vida e pela interconectividade que essas vidas estabelecem entre si, além de adotar sistemas

igualitários e não hierárquicos.

O RETORNO DO BEM-VIVER

O bem-viver surgiu a partir dos povos indígenas da América Latina como proposta de mudança ao processo civilizatório dominante. Trata-se de outra forma de viver baseada no sistema de conhecimentos, crenças e práticas dos povos indígenas andinos. Segundo Acosta (2016), não se trata de uma alternativa de desenvolvimento, mas ao desenvolvimento. A visão antropocêntrica característica da sociedade dominante atribui apenas um valor utilitário à natureza. Já o bem-viver tem uma proposta de reciprocidade, relacionalidade, complementariedade que integra e consensua visões alternativas.

Além disso, o bem-viver tem matriz comunitária e reconhece que o Pluriverso e a diversidade cultural repousam nos Direitos Humanos e nos Direitos da Natureza. O bem-viver, incluído nas Cartas Magnas da Bolívia e do Equador, não é uma novidade para os povos originários que seguem princípios ancestrais de priorizar a vida, respeitar as diferenças de todos os seres, saber escutar, viver em complementariedade e equilíbrio com a natureza, priorizar direitos cósmicos, celebrar a Pachamama, promover a união dos povos, proteger a terra e as sementes, entre outros.

Assim, o viver bem não se limita ao acúmulo de bens materiais. Trata-se de comer, beber, dormir bem, festejar e também aprender a morrer. A morte faz parte do ciclo da vida porque o espírito retorna para as montanhas, rios e lagos (SÓLON, 2019). Os seres humanos são cuidadores da Pachamama com valores como harmonia, justiça, equidade e espiritualidade.

Embora seja um avanço a inserção do bem-viver nas Cartas Magnas da Bolívia e do Equador, Acosta (2016) aponta para a impossibilidade de existir reciprocidade e solidariedade no sistema capitalista que é, em seu cerne, alicerçado na desigualdade, havendo a necessidade de se recriar o mundo a partir da esfera comunitária. Para atingir esse objetivo, as sociedades devem descolonizar seus territórios a fim de conquistar a autodeterminação e libertarem-se da submissão em todas as esferas (SÓLON, 2019) da dominação das sociedades hegemônicas.

Existem vários debates sobre o conceito de Bem-Viver: (1) indigenista e pachamamista, caracterizada pela autodeterminação dos povos na construção do Bem-Viver, o que inclui a inserção dos elementos mágicos e espirituais; (2) socialista e estadista, que destaca a relevância da gestão política-estatal do Bem-Viver e a equidade social; e (3) pós-desenvolvimentista e ecologizadora, que é centrado na preservação da natureza e da construção participativa; e (4) do pensamento complexo, que visa a impulsionar políticas civilizatórias para a humanidade e outras possibilidades de futuro (HIDALGO-CAPITÁN, 2014; MUÑOZ, 2017).

Ainda que seja um conceito dinâmico, entendemos que as correntes indigenista e ecologizadora possuem interfaces melhor identificadas com a Ecologia Espiritual – embora não descartemos as demais correntes para futuras reflexões – devido à combinação do uso da razão com a subjetividade social e coletiva sob uma perspectiva cósmica e cidadã (MUÑOZ, 2017), onde elementos espirituais, divindades, ritos e mitos existentes nas diferentes culturas são importantes aliados para o enfrentamento das crises sociais e ecológicas.

APROXIMAÇÕES ESPIRITUAIS COM A NATUREZA

As práticas ecológicas espiritualmente orientadas (re)surgem e se popularizam em todo o mundo, quando se observa que um número crescente de pessoas está construindo suas próprias relações espirituais com a Terra, com outros povos e culturas e com outros seres com os quais se partilha o ambiente, como plantas, animais e demais seres não humanos (SCURO, 2018).

Dentre as tentativas de reconexão com a Natureza e com a Totalidade, podemos notar o avanço das práticas (neo)xamânicas em contextos urbanos em vários países ao redor do mundo. De acordo com Cottrell (2008), o Xamanismo é uma tradição mundial, ou família de tradições, aparecendo com notável consistência em lugares tão geograficamente diversos como Sibéria, Austrália, América do Norte, Ásia Central, Malásia, partes da África e da América Central, passando pela América do Sul até a ponta da Patagônia. Sem vínculo com o tempo ou com o lugar, o Xamanismo parece ser uma das alternativas para o reencantamento do mundo. Muitos consideram que foi a primeira disciplina espiritual da humanidade, a técnica original do despertar místico e o precursor das práticas espirituais posteriores. Como o navegador mais antigo da psique humana e além, o xamã incorpora nosso anseio inato de transcendência – entrar nos níveis mais profundos de nosso ser e beber da fonte da consciência, da própria fonte de vida.

O Xamanismo ensina que estamos unidos à Terra e toda a vida por meio de nossa interconectividade espiritual (ANDREWS, 2013). As culturas indígenas e orientais já reconheciam, desde muito tempo, que a única constante é a mudança e que o princípio de interdependência é essencial para a sobrevivência (ARRIEN, 2015). Assim como a física quântica descreve um campo de energia que conecta toda a vida (CAPRA, 1996), xamãs também já falavam de uma teia de vida que a tudo conecta (RINPOCHE, 2002; INGERMAN, 2008).

O xamã boliviano Carlos Prado Urban afirma que o corpo humano é reflexo da Pachamama e qualquer dano provocado na Natureza é um mal que o ser humano comete contra si mesmo e sua comunidade.

Isso explica o absoluto respeito que o povo andino tem pela Pachamama, que para

nós é sagrada. Isso justifica tanto nossa preocupação ecológica quanto as oferendas que fazemos à mãe-natureza sempre que desejamos alcançar alguma cura física ou espiritual por meio de nossos rituais (URBAN, 2002, p. 60-61).

De acordo com o pensamento xamânico, a importância espiritual de características especiais de um ecossistema, tais como rios, montanhas ou uma espécie de árvore ou animal, levou ao seu reconhecimento como sítios naturais sagrados, lugares que são conhecidos por seu alto valor em biodiversidade (VERSCHUUREN, 2006).

Outro indício da (re)conexão espiritual com a natureza se revela no reconhecimento dos sítios naturais sagrados. Os sítios naturais sagrados, segundo Hosken (2009), formam uma rede de pontos de potente energia no corpo do planeta. São lugares tradicionalmente manejados baseados em princípios ancestrais e valores espirituais os quais, em muitos casos, garantem continuidade cultural e gestão ambiental (VERSCHUUREN, 2006; FERNANDES-PINTO; IRVING, 2015). Eles desempenham um papel ecológico e energético vital em manter a resiliência da Terra e das comunidades humanas. O papel de ecossistemas e da biodiversidade em manter o equilíbrio climático, hidrológico e energético da Terra é uma das leis centrais que o conhecimento de lugares sagrados ensina (HOSKEN, 2009).

Igualmente, bosques sagrados são culturalmente associados a deidades, espíritos ancestrais, rituais e tabus, sendo manifestações de ligações históricas, culturais e emocionais dos seres humanos com as florestas (KALA, 2017). Diferentes estudos registrados por Kala (*op. cit.*) revelam que os bosques sagrados albergam habitats de muitas espécies de animais e plantas ameaçados. Os costumes locais baseados nos sistemas de crença proíbem a derrubada de árvores e a matança de animais ameaçados, o que ajuda na conservação da diversidade biológica.

Para Verschuuren (2006, p. 299), os valores culturais e espirituais são forças críticas na condução da conservação da natureza e manejo de ecossistema, mas geralmente difíceis de representar nos processos de tomadas de decisão. Por essa razão, o autor diz que se faz necessário compreender a importância das diferentes percepções culturais sobre ecossistemas e paisagens naturais para o desenvolvimento e fortalecimento de estratégias mais eficazes e holísticas direcionadas ao manejo dos ecossistemas e coexistência das realidades simultâneas.

Os povos indígenas vêm alertando àqueles envolvidos no complexo militar-industrial que o efeito cumulativo de romper constantemente as leis espirituais, energéticas e ecológicas levará inevitavelmente ao caos social, econômico e ecológico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A resposta à crise socioambiental e civilizatória que perdura há décadas requer uma profunda mudança em nosso sentir, pensar e agir. Sem uma conexão material e imaterial

com o mundo natural, a Natureza continuará a ser explorada e considerada um bem a ser apropriado. Os ecossistemas continuarão a ser pensados em termos utilitaristas com “serviços” que beneficiem economicamente os seres humanos e não o planeta como super organismo vivo.

Os desafios são complexos e múltiplos, mas há caminhos que podem promover a reconexão do ser-humano com *Gaia/Gea*. Consideramos que a conexão ciência e espiritualidade é um caminho. A teoria de *Gaia* recupera o sagrado feminino e a percepção de que tudo faz parte de um único organismo vivo. O Bem-Viver é um projeto alternativo de construção coletiva alicerçado nos saberes e princípios ancestrais de conduta ética e espiritual, enquanto o Xamanismo e demais aproximações espirituais com a Natureza conduzem a uma ressignificação de nossa relação com o Grande Espírito.

A conexão dos saberes ancestrais com os saberes cientificamente construídos amplia a consciência humana para além da dimensão espaço-temporal. Confiar nesta integração, no presente, ampliará a visão humana, possibilitando a cocriação de existências saudáveis necessárias à preservação e evolução da vida no planeta terra.

Para evitar o colapso total dos mecanismos que sustentam a vida na Terra, torna-se necessário e urgente que os indivíduos voltem a ter a sensação de pertencimento, de conexão com o cosmos, ficando claro, desde sempre, que a percepção ecológica é espiritual na sua essência mais profunda.

REFERÊNCIAS

ACOSTA, A. **O bem viver**: uma oportunidade para imaginar outros mundos. São Paulo: Elefante, 2016.

ALCÂNTARA, L. C. S. Bem Viver ou vida em plenitude: tecendo a teia da existência. In: SQUAREZI, S. B. (org.). **Ambiente e sociedade no Brasil Central**: diálogos interdisciplinares e desenvolvimento regional. 2. ed. (e-book). São Leopoldo: Oikos; Cáceres: Editora UNEMAT, 2019. p. 28-38.

ALVES, J. J. F. Ecologia e espiritualidade. **Kairós - Revista Acadêmica da Prainha**, v. 2, p. 428-435, 2008.

ANDREWS, T. **Animal chamán**: la sabiduría y los poderes mágicos y espirituales del mundo animal. Madrid: ArkanoBooks, 2013.

ARRIEN, A. **Las cuatro sendas del chamán**. Madrid: Gaia Ediciones, 2015.

BERKES, F. **Sacred ecology**: traditional ecological knowledge and resource management. Philadelphia: Taylor & Francis, 1999.

BOFF, L. **Ecologia**: grito da terra, grito dos pobres: dignidade e direito da mãe terra. Petrópolis: Vozes, 2015.

BOFF, L. **Ética da vida**. Rio de Janeiro: Sextante, 2005.

- CAMPBELL, J. **Todos os nomes da deusa**. Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos, 1997.
- CAPRA, F. **A teia da vida**: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. São Paulo: Cultrix, 1996.
- CAPRA, F. **O ponto de mutação**. São Paulo: Cultrix, 2006.
- CARVALHO, I. C. M.; STEIL, C. A. A sacralização da natureza e a 'naturalização' do sagrado: aportes teóricos para a compreensão dos entrecruzamentos entre saúde, ecologia e espiritualidade. **Ambiente & Sociedade**, v. 11, n. 2, p. 289-305, 2008.
- CASCUDO, L. da C. **Dicionário do folclore brasileiro**. 11. ed. São Paulo: Global, 2001.
- CERIDWEN, M. **Wicca Brasil**: guia de rituais das deusas brasileiras. São Paulo: Gaia, 2003.
- Costa Neto, E. M. Conexões espirituais com a Mãe Terra: plenitude humana manifestada pelo Xamanismo. **Ethnoscientia**, v. 5, 2020a. DOI: 10.22276/ethnoscientia.v5i1.343
- Costa Neto, E. M. Ecologia Espiritual e patrimônio biocultural. **Travessias**, v. 14, n. 1, p. 14-23, 2020b.
- COTTRELL, Barry. **The way beyond the shaman**: birthing a new earth consciousness. O Books, 2008.
- DIEGUES, A. C. S. Conhecimentos, práticas tradicionais e a etnoconservação da natureza. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, v. 50, p. 116-126, 2019.
- FERNANDES-PINTO, E.; IRVING, M. A. Sítios naturais sagrados: valores ancestrais e novos desafios para as políticas de proteção da natureza. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, v. 40, p. 275-296, 2017.
- FERNANDES-PINTO, E.; IRVING, M. A. Sítios naturais sagrados no Brasil: o gigante desconhecido. In: HANAZAKI, N. *et al.* (Org.). **Culturas e biodiversidade**: o presente que temos e o futuro que queremos. 1. ed. Florianópolis: UFSC, 2015. p. 397-408.
- FERNANDES SILVA, C. M. L. **Ciência ambiecológica**: por uma razão espiritualizada. Curitiba: Appris, 2020.
- FREDERICO, I. B.; FUNARI, P. P. A. Religious heritage and nature: spirit of place and tourism in a Brazilian case. In: ÁLVAREZ-GARCÍA, J.; RIO RAMA, M. DE LA C.; GÓMEZ-ULLATE, M. (eds.). **Handbook of research on socio-economic impacts of religious tourism and pilgrimages**. Hershey: IGI Global, 2019. p. 148-166.
- HEREDIA, J. D. R. **Nós, os ciganos**. Portugal: Editorial Franciscana-Braga, 1974.
- HIDALGO-CAPITÁN, A. L. Seis debates abiertos sobre el sumakkawsay. **Íconos. Revista de Ciencias Sociales**, v. 48, p. 25-40, 2014.
- HOSKEN, L. Potent places. **Resurgence**, n. 255, 2009. Disponível em: <<https://www.resurgence.org/magazine/article2844-potent-places.html>>. Acesso em: 12 jan 2021.

- INGERMAN, S. **Shamanic journeying**: a beginner's guide. Boulder, CO: Sounds True, 2008.
- KALA, C. P. Conservation of nature and natural resources through spirituality. **Applied Ecology and Environmental Sciences**, v. 5, n. 2, p. 24-34, 2017.
- KOTHARI, A. *et al.* **Pluriverso, um dicionário del posdesarrollo**. Barcelona: Icaria Editorial, 2019.
- KRAUSE, B. **A grande orquestra da natureza**: descobrindo as origens da música no mundo selvagem. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- LEEMING, D. **The Oxford companion to world mythology**. New York: Oxford University Press, 2004.
- LEVY, C.; MACHADO, A. **A sabedoria dos animais**: viagens xamânicas e mitologias. 2. ed. São Paulo: Ground, 1999.
- LIPTON, B. **A biologia da crença, ciência e espiritualidade na mesma sintonia**: o poder da consciência sobre a material e os milagres. São Paulo: Butterfly Editora, 2007.
- LOVELOCK, J. E.; MARGULIS, L. Gaia and geognosy. In: RAMBLER, M. B. **Global ecology**: towards a science of the biosphere. Londres: Jones and Bartlett, 1984.
- MATURANA, H.; VARELA, F. **A árvore do conhecimento**: as bases biológicas do entendimento humano. Campinas: Workshopsy, 1995.
- METZNER, R. **Ayahuasca**: alucinógenos, consciência e o espírito da natureza. Rio de Janeiro: Gryphus, 2002.
- MORLEY, J. J. **Future sacred**: the connected creativity of nature. Rochester: Park Street Press, 2019.
- MUÑOZ, J. G. *et al.* **Buen Vivir y organizaciones regionales mexicanas**: miradas de la diversidad. Guadalajara: ITESO, 2017.
- NARAYANAN, V. **Conhecendo o hinduísmo**: origens, crenças, práticas, textos sagrados, lugares sagrados. Petrópolis: 2009.
- PECK, S. L. Death and the ecological crisis. **Agriculture and Human Values**, v. 27, n. 1, p. 105-109, 2010.
- RECH, H. T. Espiritualidade ecológica: o caminho do coração. Partilha de uma experiência. **Atualidade Teológica**, n. 37, p. 137-145, 2011.
- RINPOCHE, T. W. **Healing with form, energy and light**: the five elements in Tibetan Shamanism, Tantra, and Dzogchen. Ithaca, NY: Snow Lion Publications, 2002.
- SAHTOURIS, E. **Gaia**: do caos aos cosmos. São Paulo: Interação, 1991.
- SARRAMONE, A. **Gitanos**: historia, costumbres, misterio y rechazo. Buenos Aires: Biblos Azul, 2007.

SCURO, J. (Neo)chamanismo. Aspectos constitutivos y desafíos analíticos. **Horizonte Antropológico**, n. 51, p. 259-288, 2018.

SHEKDRAKE, R. **Ciência sem dogmas**: a nova revolução científica e o fim do paradigma materialista. 1. ed. São Paulo: Cultrix, 2014.

SHIVA, V. **Abrazar la vida**: mujer, ecología y supervivencia. Cuadernos Inacabados, 18. Madrid: Horas y Horas, 1995.

SÓLON, P. **Alternativas sistémicas**: bem-viver, decrescimento, comuns, ecofeminismo, direitos da Mãe Terra e desglobalização. São Paulo: Elefante, 2019.

SPONSEL, L. E. Spiritual ecology. In: LEEMING, D. A. (ed.). **Encyclopedia of psychology and religion**. Berlin: Springer-Verlag, 2016. p. 1-5.

STARHAWK, J. **A dança cósmica das feiticeiras**: guia de rituais à Grande Deusa. São Paulo: Nova Era, 2003.

TAKUÁ, C. **Seres criativos da floresta**. Rio de Janeiro: Dantes Editora, 2020.

UNGER, N. M. **O encantamento do humano**. São Paulo: Loyola, 1991.

URBAN, P. O médico dos Andes. **Planeta**, setembro 2002, p. 56-61.

VAUGHAN-LEE, L. **Spiritual ecology**: the cry of the earth. Califórnia: The Golden Sufi Center, 2013.

VERSCHUUREN, B. An overview of cultural and spiritual values in ecosystem management and conservation strategies. In: HAVERKORT, B.; RIST, S. (eds.). **Endogenous development and bio-cultural diversity**. 2006.

SOBRE OS AUTORES

ANA CECÍLIA MARIA ESTELLITA LINS – Graduada em Letras – Português do Brasil. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em ensino para imigrantes e refugiados. Graduada em Administração Pública. Auditora de Controle Interno do Governo do Distrito Federal (aposentada). Áreas de interesse: educação e espiritualidade.

AURORA LOPE ALZINA – Licenciada em Ciências e Técnicas de Comunicação Social. Desde 2014 acompanha o Ensino da Mestra Ascensionada, dado pela Loja dos Irmãos Maiores, a Grande Fraternidade Branca, por meio do Ensino do “Eu Sou”. Em 2015, passa a integrar a Escola de Ensino Espiritual “Ciudad Kumara, Tú Evolución Espiritual”, dirigida por Mónica Tacca Ponteburu, que pratica, difunde, compartilha e expande o ensinamento original baixado para esta era. Desde 2019 é instrutora de Metafísica Básica nesta mesma escola de Ensino Espiritual e Esotérico.

CAROLINE VIEIRA RUSCHEL – Advogada Colaborativa, doutora em Direito (UFSC), pós-doutoranda em Ciências Ambientais (PPGCA/UNESC), membro do Laboratório de Sociedade, Desenvolvimento e Meio Ambiente (LABSDMA) e do Ateliê de Transdisciplinaridade (ATrans). Coordenadora Adjunta do Grupo de Estudos Complexidade e Transdisciplinaridade (PPGCA/UNESC).

CLAUDIA NUNES SANTOS – Professora da Universidade Federal de Sergipe, Departamento de Biologia. Atua no Programa de Pós-graduação em Linguagens e Saberes da Amazônia. Vice-coordenadora do Grupo de Pesquisa “Estudos Socioambientais Costeiros (UFPA) e membro dos Grupos de Pesquisa “Interações humanos-não humanos”/UFS, Etnobiologia e Patrimônio Biocultural”/UEFS e “Ecologia Espiritual”/UEFS, certificados pelo CNPq.

ERALDO MEDEIROS COSTA NETO – Professor Pleno da Universidade Estadual de Feira de Santana, Departamento de Ciências Biológicas. Atua no Programa de Pós-graduação em Ecologia e Evolução/UEFS e no Doutorado Etnobiologia e Estudos Bioculturais da Universidade do Cauca (Colômbia). Tem experiência nos seguintes temas: etnozologia, etnoentomologia, zooterapia, herança biocultural, Ecologia Espiritual e neoxamanismo. Coordenador dos Grupos de Pesquisa “Etnobiologia e Patrimônio Biocultural”/UEFS e “Ecologia Espiritual”/UEFS, certificados pelo CNPq.

ÉRIKA FERNANDES PINTO – Formação em Ciências Naturais, com doutorado em Ciências Sociais. Atua há mais de 20 anos na área socioambiental, buscando a convergência das políticas de conservação da natureza com os direitos de povos indígenas e comunidades tradicionais. Idealizadora da iniciativa *Sítios Naturais Sagrados do Brasil*, que busca mapear esses lugares e divulgar a importância da sua proteção no país e em outros contextos latino-americanos. Integra o Grupo Internacional de Especialistas em Valores Culturais e Espirituais das Áreas Protegidas, da União Internacional para a Conservação da Natureza (CSVPA/

IUCN). Trabalha no Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), onde coordena um programa voltado ao reconhecimento e integração dos valores culturais da natureza na gestão de áreas protegidas.

FABIAN AGUILAR-MORA – Master em Ciências, professor e pesquisador, Engenharia em Biotecnologia, Membro do Grupo de Pesquisa em Microbiologia Aplicada, Faculdade de Ciências da Vida, Universidade Regional Amazônica Ikiam, Equador.

FÁBIO DOS SANTOS MASSENA – Engenheiro Agrônomo, com doutorado em Desenvolvimento e Meio Ambiente pela Universidade Estadual de Santa Cruz. Graduado em Psicologia. Professor Adjunto no Departamento de Ciências Agrárias e Ambientais da UESC. Experiência em extensão rural, cooperativismo, metodologia científica, psicologia ambiental e comunidades sustentáveis.

GABRIELA PASSOS MOREIRA – Prefeitura Municipal de Feira de Santana. Professora Pedagoga e especialista em Gestão Escolar e Metodologia do Ensino. Terapeuta integrativa vibracional, aromaterapeuta, taróloga e radiestesista.

GEMICRÊ DO NASCIMENTO SILVA – Mestre em Desenho, Cultura e Interatividade, Especialista em Metodologia e Ensino do Desenho. Professor da Universidade Estadual de Feira de Santana nas disciplinas História da Arte e Desenho. Coordenador do Programa de Extensão “Artes Transdisciplinares e Culturas: Repertórios Simbólicos e Ecopedagógicos no Cotidiano de Educar”.

GERALDO JORGE BARBOSA DE MOURA – Professor, Pesquisador, Escritor e Psicanalista. Vinculado à Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) e ao Instituto da Sociedade Psicanalítica do Recife (SPRPE/FEBRAPS/IPA). Atua nos seguintes Programas de Pós-graduação: Biociência Animal/UFRPE; Biodiversidade/UFRPE; Ciências Ambientais/UFRPE; Território, Ambiente e Sociedade/UCSAL; Ecologia Humana/UNEB.

GERALDO MILIOLI – Sociólogo, docente/pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais (PPGCA) da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC). Coordenador do Laboratório de Sociedade, Desenvolvimento e Meio Ambiente (LABSDMA) e do Ateliê de Transdisciplinaridade (ATrans) e do Grupo de Estudos Complexidade e Transdisciplinaridade (PPGCA/UNESC).

HILDO HONÓRIO DO COUTO – Pesquisador Associado da Universidade de Brasília. Professor Emérito. Atua nas seguintes áreas: contato de línguas, relações entre língua e meio ambiente (Ecolinguística). Fundador de “Ecolinguística: revista brasileira de ecologia e linguagem (ECO-REBEL)”.

IAN FELIPE NASCIMENTO – Discente do curso de Geografia (bacharelado) na Universidade Estadual de Santa Cruz.

ISAURA AWAS REMOR MILIOLI – Bacharel em Naturologia, pós-graduada em Tanatologia. Naturóloga da Prefeitura Municipal de Laguna – SC. Integrante do Grupo de Estudos Complexidade e Transdisciplinaridade (PPGCA/UNESC).

JAMILLE FERREIRA MARQUES – Mestre em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental e doutoranda no Programa de Pós-graduação em Território, Ambiente e Sociedade da UCSAL. Membro do Centro de Ecologia e Conservação Animal/UCSAL. Colaboradora do Projeto Herpetofauna do Litoral Norte da Bahia/UCSAL e membro do Grupo de Estudos Herpetológicos e Paleoherpetológicos (GEHP/UFRPE).

JOÃO JOSÉ DE SANTANA BORGES – Doutor em Ciências Sociais. Professor Adjunto do Departamento de Ciências Humanas da Universidade do Estado da Bahia (UNEB, *Campus III*). Atua no Programa de Pós-graduação em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos. Coordenador do Grupo de Pesquisa “Corpoética: estudos interdisciplinares em Comunicação, Educação e Saúde”. Autor dos livros “Árvores e Budas: alternativas do misticismo ecológico e suas teias políticas” (2015), “Ecologia mística” (2017), “Corpoética: yoga nas escolas” (2017), “O Yogue e o Pajé nas sendas do misticismo ecológico” (2020). Professor de Yoga, iniciado no Tantra Yoga pela Amanda Marga.

LESLIE E. SPONSEL – Professor Emérito do Departamento de Antropologia, Universidade do Havaí, Honolulu. Autor do livro “Spiritual Ecology: a quiet revolution” (Praeger, 2012).

MOACIR SANTOS TINOCO – Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-graduação da Universidade Católica do Salvador. Coordenador do Centro de Ecologia e Conservação Animal/UCSAL. Coordenador do Projeto Herpetofauna do Litoral Norte da Bahia/UCSAL. Membro do Laboratório de Estudos Herpetológicos e Paleoherpetológicos/UFRPE. Atua junto aos Programas de Pós-graduação em Território, Ambiente e Sociedade/UCSAL e Biodiversidade/UFRPE. Membro do Grupo de Estudos Herpetológicos e Paleoherpetológicos (GEHP/UFRPE).

MÓNICA PATRICIA TACCA – Filósofa, advogada, além de leiloeira pública e corretora imobiliária. Fundadora do Grupo Ciudad Kumara, com sede em Córdoba, Argentina, agrupando pessoas de diferentes lugares. Seus áudios e vídeos encontram-se disseminados nas redes sociais, geralmente sob o título de Ciudad Kumara, Tu Evolución Espiritual, ou simplesmente Ciudad Kumara.

MONTERRAT RIOS – Doutorado em Ciências, Universidade Federal do Pará. Professora, Engenharia em Biotecnologia, Faculdade de Ciências da Vida, Pesquisadora do Grupo de

Biogeografia e Ecologia Espacial, Universidade Regional Amazônica Ikiam, Equador. Membro do Grupo Mundial de Especialistas em Plantas Medicinais, Comissão de Sobrevivência de Espécies, União Internacional para Conservação da Natureza. Colabora em iniciativas governamentais e privadas de desenvolvimento social e gestão ambiental direcionadas a melhorar a qualidade de vida das populações tradicionais nas áreas urbanas e rurais. Mestre em Programação Neurolinguística. Mestre em Filosofia da Yoga. Mestre em Reiki. Praticante de Reprogramação de DNA. Eterno Estudante do Caminho da Bíblia Sagrada.

OLGA LUCIA SANABRIA DIAGO – Doutora em Ciências, pós-doutorado em Ciências Interdisciplinares do Meio Ambiente da UNAM, México. Professora Titular do Departamento de Biologia da Universidade do Cauca, Colômbia. Coordena o Doutorado em Etnobiologia e Estudos Bioculturais da Unicauca. Membro do Grupo Etnobotânico Latinoamericano (GELA) e do Semillero de Etnobiología da Universidade do Cauca.

PAULA CHAMY – Graduada em História e em Direito, com doutorado em Ambiente e Sociedade pela Universidade Estadual de Campinas. Pesquisadora colaboradora do NEPAM/ UNICAMP, atuando nos seguintes temas: etnoconhecimento e etnoconservação, ambiente e sociedade, unidades de conservação de uso direto e sustentabilidade, gestão compartilhada de recursos de uso comum, políticas públicas para conservação.

RAUL FRANCO VALVERDE – Diretor acadêmico Co-op dos programas de Operações de Gestão da Cadeia de Abastecimento e Gestão de Tecnologia Empresarial. Nesta função, fornece aconselhamento acadêmico e de carreira, além de coaching para os alunos que fazem parte destes programas. Professor sênior da Concordia University e presidente do Conselho de Credenciamento de Gestão de Tecnologia Empresarial da Technation Canada. Professor Adjunto na Universidade de Quebec em Outaouai.

VICTOR HUGO QUINTO HUETOCUÉ – Ecólogo da Fundação Universitária de Popayán. Membro do Grupo Etnobotânico Latinoamericano (GELA) e do Semillero de Etnobiología da Universidade do Cauca.



 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Ecologia Espiritual:

Integrando Natureza,
Humanidades e Espiritualidades


Ano 2022



www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br
[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Ecologia Espiritual:

Integrando Natureza,
Humanidades e Espiritualidades

Atena
Editora
Ano 2022

